



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

15 de Janeiro de 2000 • Ano LVI - N.º 1457
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. (255) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



Miranda do Corvo: Ele nunca se viu tão feliz como agora, em sua Casa!

DIA de Ano Novo. Tinha acabado de celebrar Missa e, ainda na Capela, vejo entrar dois «devotos» com uma criança pela mão. Ambos aparentavam rostos de «noitada»... O pequeno, de olhos sonolentos e tristes, olhava furiosamente tudo em redor. Soube mais tarde, em conversa com ele, que andara toda a noite a passear.

Já me tinham dito que «queriam falar com o padre». Quando me chego, que sim senhor! E, é ela quem começa: «Tenho quatro filhos. Este é o mais velho que não tem pai. Os outros três, que o pai não quer criar, ficaram entregues à mãe dele. E eu quero trabalhar». Bom, disse que não era assim... Que tinha de ir ver, pois não costumamos receber deste modo. Pergunto ao pequeno se sabia ao que vinha e ele, que se era para ficar: — Não! Um disfarce rápido dos dois — que se sumiram num Mercedes

TRIBUNA DE COIMBRA

Contraste

de marca — e o miúdo ficou... a chorar convulsivamente, claro! Dizia a todos — rapazes e visitantes — que a mãe se tinha esquecido dele aqui... Era a justificação que ele encontrava para o rápido desaparecimento dela. Não admitia que a mãe o abandonasse: «Esqueceu-se de me levar...» Sentido de perdão? Ou maneira de encontrar sentido para o sem-sentido?! «Esqueceu-se de me levar!» Este «esqueceu-se» suaviza o terror da ideia de ser abandonado...

Nesse dia o Papa encontrava-se em Roma com milhares de crianças de todo o mundo para assinalar o Jubileu das crianças. O ar da

manhã ainda exalava o perfume da mudança de ano e de milénio. Os dois que vi, sumiram, deixaram também atrás de si o odor da discoteca e do champanhe da noitada... E eu, julgando que tinha deixado o Menino Jesus muito sossegado no presépio depois de tantos beijos... não encontrava nenhum sentido para a mudança de cenário. Talvez, por isso mesmo, tenha aceite o miúdo sem ter ido ao «presépio» donde veio.

Pensava nisto quando, ofegante, um dos gémeos me veio comunicar que tinham encontrado, finalmente, o faisão que ontem fugira da gaiola. Foi o meu consolo.

Padre João

Malanje

Contentor de leite

13/12/99

EM viagem para Luanda, para desalfandegar o contentor de leite que, através da nossa Casa do Gaiato de Lisboa, nos vem do Instituto de Cooperação Portuguesa. Cooperação tem sentido profundo quando nasce nos corações. Raízes fundas!

O leite, que veio no contentor da Cruz Vermelha, e tantas caixas que mandastes, já está a ser alimento, alegria e vida!

Um Natal mais cheio!

Um presépio de esperança!

Ao olhar, cá de cima, as núvens brancas quase rentes ao chão como flocos flutuantes, recordei minha mãe repartindo o pouco com os mais pobres. Tantas mães fazem o mesmo!

Rebanho de núvens brancas nas lonjuras do céu...

Raízes fundas, onde o amor é rei!

Porque não pomos o presépio numa nuvem branca, à luz do sol e das estrelas, para que todos os homens sejam tocados pelo amor?!

Continua na página 4

BENGUELA

Compromisso social

AS festas de Natal e Ano Novo acabaram. Estou a escrever em cima do fim delas. Procurei dar-lhes significado na dimensão humana e espiritual. Quis transformá-las em dom para nós e para os que nos rodeiam, a viverem em dependência quase total da nossa Obra. Houve alegria e gratidão mútuas.

O compromisso social dos cristãos não é um apêndice da fé cristã. É, antes, uma dimensão constitutiva do seu ser e missão. É a forma privilegiada de exercer a caridade. Por outras palavras, trata-se do amor eficaz às pessoas. Não se pode, pois, separar o humano do divino, indissolivelmente unidos, para sempre, no Menino do Presépio. Queremos viver assim.

Nunca me posso queixar da falta de assunto para comunicar convosco. Agora mesmo, antes de subir as escadas e sentar-me para escrever, fui assaltado por duas mães, cada uma com seus filhos ao colo e pela mão. Cada uma conta a sua história.

São muito parecidas as histórias que nos trazem. Falta-nos, sim, por vezes, a paciência para escutarmos tudo. Disto peço perdão, todos os dias.

No meio das narrativas da vida, descubro uma verdade consoladora em que me seguro para agir. É a consciência da dignidade pessoal destas mães na busca da solução para os seus problemas. Uma delas, por exemplo, conta: — *Tenho três filhos; vivia no Cubal, quando meu marido morreu; vim para Benguela, por causa da guerra, e não tenho nada a que deitar a mão; não quero viver a pedir e não sei fazer «candonga»; dê-me trabalho.*

É uma mulher válida, marcada, sem dúvida, pela dureza cruel da vida. Tem consciência do seu capital humano e quer pô-lo a render. Já teve nove filhos até aos trinta anos. Ficou com três, que todos os outros morreram. Que fazer? Fitei-a a pensar na multidão de gente ocupada em nossa

Continua na página 4

O nosso «Depósito» no Porto

ASSIM lhe chamava Pai Américo; assim foi antes e ao longo dos cinquenta e sete anos que no próximo Abril completará a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

A história começa nos tempos de Coimbra. O púlpito de Pai Américo era então o semanário diocesano **Correio de Coimbra** que também no Porto tinha os seus leitores. Pelo menos um: Manuel Cunha, do «Espelho da Moda». O conhecimento da Obra da Rua, ainda incipiente, lavrara uma paixão no peito daquele homem, que o motivou a abrir o diálogo, um diálogo epistolar que guardamos como preciosidade no espólio das recordações. Já com Paço de Sousa em projecto, um dia Pai Américo veio ao Porto e pôs na sua agenda conhecer de vista o seu correspondente. Esperava encontrar um vetusto senhor e apareceu-lhe um jovem franzino ao qual perguntou pelo pai. Era ele mesmo, o jovem, quem Pai Américo procurava.

Antes de Abril de 1943, princípio do levantar da Aldeia que hoje é, foi na mostra do «Espelho da Moda» que esteve exposta a maquete e o Porto pôde antever o que seria consumado em menos de três anos e daí abrir o coração e a bolsa com o calor e a generosidade que levava Pai Américo à exclamação feliz: — **Ai Porto, Porto, quanto tarde te conheci!**

É então que o «Espelho da Moda» se constitui o Depósito da Obra da Rua. Ali, nos Clérigos, no centro vivo da

cidade, que lugar mais propício poderia encontrar o Povo anónimo para depositar seus dons em favor da Casa nascente?! E depois de nascida e crescida, assim continuou até agora. E não só Depósito de dons, mas lugar de encontro e de gestação dos grandes momentos da Obra, de tudo quanto ela haveria de ir dando à luz pelo tempo em fora: O GAIATO, o Património dos Pobres, o Calvário...

Com todo este passado de íntima convivência que consolidou vínculos e manteve uma porta aberta da Casa do Gaiato no coração do Porto, compreender-se-á a mágoa com que anunciamos o seu fecho neste tempo em que os grandes vêm progredindo no tirar aos médios e pequenos o seu lugar ao sol, no «comércio tradicional» e em todas as áreas de actividade do homem.

Muito se fala de projectos de restituição de vida ao centro da cidade, mas a hora é ainda de decadência e não deixa antever para breve uma tal ressurreição.

Aos nossos Amigos que se habituaram ao longo de meio século, a encontrar a Obra da Rua na R. dos Clérigos, 54, temos de dar a notícia triste de que tal não mais será possível depois deste Janeiro que corre. E se não lá, aonde a porta que se nos abra?... Eis a interrogação que nos fazemos sem achar resposta — e que entregamos também aos nossos Leitores na esperança de nos ajudarem a achá-la.

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

AUTOCONSTRUÇÃO — Em nossas mãos temos mais casos inseridos neste movimento espontâneo que apareceu a Pai Américo logo no começo do Património dos Pobres, na década de 50.

No entanto, o movimento organizado espelha melhor sentido comunitário, pedagógico. Em nosso País floresceu pouco. Só conhecemos um grupo, de Aguiar da Beira, superiormente motivado pelo Padre Fonseca, que Deus haja, ao qual Pai Américo abriu as páginas d'O GAIATO. Exige muita doação e espírito de sacrifício dos intervenientes, em toda a sua gestão.

Em França, no pós-guerra mundial, houve muita gente que aderiu à Autoconstrução organizada, muito necessária à reconstrução do país. Construíram milhares de habitações, respeitando as regras da instituição. Acção tão oportuna que, anos depois, sendo precisas novas casas, evoluiu, ao que sabemos, para uma grande cooperativa ou entreposto de materiais destinados aos sócios na construção das suas habitações.

Voltando ao nosso cantinho: Agora, atendemos mais duas famílias da paróquia, em dificuldade. Curiosamente, são Voluntários que dão parte da sua vida aos Outros, a qualquer hora do dia ou da noite. Conhecemos estes homens há muito tempo, pois servimo-los, em sua acção específica, e à própria Associação.

A nossa ajuda circunscreve-se a um pequeno auxílio para a telha da habitação. Por isso, vale a pena citar a carta que um deles deixou em nossas mãos, para o efeito:

«(...) Vivemos numa casa que andamos a construir. Casa essa que ainda não tem telhado. Nós queríamos 'fechá-lo' porque entra, por lá, muita humidade, mas não temos dinheiro!

A habitação tem três quartos, sala, casa de banho, cozinha e mais uma dependência para arrumações.

Não pedimos empréstimo bancário para a obra. Por isso, a sua construção é difícil porque fazemo-la pouco a pouco; e, agora, estamos no Inverno...! Se for possível darem-nos uma ajudinha...»

O vicentino que levou o pequeno auxílio — a consoada dos Leitores — para ultimização deste prédio, regressou emocionado pelo que viu e ouviu. Tanto no que se refere à magra poupança do casal, como ao seu enorme sacrifício no acabamento do trabalho.

PARTILHA — Assinante 19034, residente na Alemanha, com «pequena oferta para O GAIATO e o resto para os que nada têm». Porto: assi-

nante 11856 com sete mil. Senhora da Hora: assinante 57002 regulariza a assinatura do Famoso e o resto é «para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, que distribuirão como melhor entenderem». Vila Nova de Gaia: assinante 31422 «com um pequeno contributo, e estou certa de que terá um bom destino». Pedroso (Carvalhos): assinante 6386 manda «pequena lembrança, prova de gratidão pelas vossas notícias sempre bem recebidas». A remessa habitual, da assinante 14493, do Porto. Cinco mil, da assinante 60852, de Fânzeres. Duzentos e cinquenta marcos, da assinante 2838, de Paderborn — Alemanha. Assinante 7769, do Porto, um cheque para que «os Pobres mais necessitados tenham um Natal mais doce». Mais outro, do assinante 54995, de Mosteiró, para ser «partilhado pelos mais necessitados a quem servis».

Assinante 33575, de Aveiro, «uma pequena ajuda para os vossos Pobres» — vinte mil. O desta e doutros são corações grandes...! Metade, do assinante 53241, do Luso, «contributo para o Natal daqueles que infelizmente não têm um bom Natal». Cacém: assinante 33337, com 23.500\$00 — «uma ajuda mais que modesta». Juncal: assinantes 49610 e 47307 afirmam que, «no final deste século e milénario e na aurora duma nova era, estamos presentes com o nosso pequenino óbolo para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus; apenas uma 'gotinha' que também é parte da nossa renúncia».

Leiria: cheque, de quinze mil, do casal-assinante 70330, para se minorarem «as necessidades dos vossos Pobres». Ovar: outro, de três mil, contributo habitual do assinante 42971. Monte Estoril: mais outro, do assinante 66487. Almeirim: cinco mil, do assinante 19980, que, estando doente, «só pede ao Senhor a aceitação dos Seus designios».

Espírito forte! Vila Nova de Gaia: «pequena ajuda» (dez mil) da assinante 1121. Malboro (USA): dólares do assinante 12315. Porto: a assinante 113 manda uma lembrança para «algum 'caso' mais aflitivo».

Porto: Mais um cheque, do assinante 13862. Assinante 34048, de Gueifães (Maia), salda contas d'O GAIATO e tece considerações sobre ele: «Sentimos emoções, conforto e desconforto, risos, lágrimas... Mas é maior o desconforto por nos sentirmos impotentes para 'endireitar o mundo'...» S. Tiago de Riba Ul: 7.500\$00 do assinante 50782. Lisboa: «pequeno donativo para a consoada de um vosso Pobre», pela mão da assinante 35019. Porto: o assinante 67284 liquida a anuidade d'O GAIATO, lembra os necessitados e afirma que a sua contribuição «não cobre o valor do Famoso — nunca cobriria — mas poderá talvez ajudar a liquidar as despesas d'impressão de algumas folhas». Lisboa: assinante 31104 com a presença habitual; e, «neste mundo cheio de injustiças, em que nada podemos alterar a vontade de Deus, pelo menos a caridade e o amor ao Próximo não abandonem o nosso coração!» Assinante 51965, de Cacia, com «uma gota d'água para o vosso oceano de necessidades». Um cheque, do assinante 27177, de Lisboa, «para o Natal dos Pobres». Porto: mais outro, do assinante 19148, «para tapar os 'tais' buracos da farmácia».

Retribuímos os votos de santo Natal e Ano Novo com o mesmo fervor dos chegados até nós.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Indicamos o nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, alc do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Doce Mãe

Ó doce Mãe, que em teu ventre
Me trouxeste a este mundo
Onde a paz não existe
E os homens lutam entre si,
Protege-me, meu amparo,
Minha força, minha coragem,
Meu tesouro no qual não paro
De pensar porque és tu a Mãe.

Ó doce Mãe, que tão cedo partiste,
Manda-me de volta a tua alma,
Que guarde a minha como sempre quiseste
E eu também quero e espero com fé e calma.

Orlando

SETÚBAL

ANO NOVO — No Ano Novo, alguns, dos mais velhos, vão passar uns dias com a família. Foram e regressaram. Dois vieram no mesmo dia. Não encontraram ambiente. Em nossa Casa fizemos festa à meia-noite e, com muitas coisas boas na mesa para comer e beber, saudámos o ano 2000.

FUGAS — Roberto, «Nininhãs» e «Rola» fugiram. Roubaram dinheiro aos colegas. Toda a gente teve abono no Natal. Na manhã do dia 27, após o pequeno-almoço, por detrás da Casa, deram às de Vila Diogo!

«Rola» é do Barreiro. É a segunda vez que foge. Roberto é de Alcanena. Também já tentou várias fugas, mas foi apanhado. Agora, ainda não voltou. «Nininhãs» já veio. Ele é sabido. Pôs-se a andar na auto-estrada para ser apanhado pela Brigada de trânsito que o trouxe, aqui, estávamos nós a festejar o Ano Novo.

«Nininhãs» tem dado muitos problemas desde que começou a fugir e o Tribunal o entregou aos tios que aqui o vieram deixar como se larga um saco de lixo.

Que este tratamento natural que ele toma pelas suas mãos o desperte para o Caminho que, aqui, em nossa Casa, a todos é indicado.

PERÍODO ESCOLAR — As notas do primeiro período não foram brilhantes. Ninguém brilhou com notas altas! Quase todos se ficaram pelo mediano e pelo baixo. O nosso Padre Acílio anda triste com a pouca vontade de estudar que os rapazes manifestam. Vamos a ver se o segundo período será melhor.

VACARIA — As nossas vacas dão muitas alegrias. E os vitelinhos, também. Brincamos com eles e mostramo-los aos visitantes. Agora, morreu uma vaca leiteira. Ficámos todos

muito tristes, após uma semana de tratamento. Todos os dias a levantávamos. Dávamos-lhe injeções e não conseguimos que se pusesse boa. Foi uma grande tristeza.

As vacas e os bois gordos não valem quase dinheiro nenhum. O nosso Padre Acílio não sabe o que fazer. Matámos três cabeças, há pouco, e precisamos de vender carne. A nossa carne não tem hormonas. É mesmo boa. A gente também vende às peças a quem as encomende. Não quer o leitor encomendar uma alcatra, uma perna, um lombo, etc.? O nosso telefone é 265-501227.

Repórter Zero

PAÇO DE SOUSA

NOITE DE NATAL — No dia 24 de Dezembro tivemos o jantar, de consoada, com a alegria do costume. Em seguida, assistimos à festa no salão, preparada pela nossa malta.

Participámos, depois, na Missa do Galo e, na altura própria, beijámos a imagem do Menino Jesus.

No fim da cerimónia tomámos um copo de leite com cacau, comemos bolos e sandes.

Com a barriguinha composta, recebemos as prendas habituais e fomos, então, dormir.

Na manhã do dia seguinte, quando acordámos, fomos brincar com os presentes oferecidos.

ANO NOVO — A festa correu mesmo bem para nós todos! No dia 31 de Dezembro, à noite, fizemos a despedida de 1999, com muita alegria.

Muitos rapazes foram passar o feriado a casa de familiares. Eu fui à dos meus tios. Gosto deles e também de cá estar.

Toda a malta está contente porque visitou a família.

ESCOLAS — As aulas já recomeçaram, após umas boas férias para toda a gente.

Os rapazes estão contentes pelo reinício dos trabalhos escolares.

Agora, vamos estudar mais ainda, para que o aproveitamento do segundo período seja melhor.

FUTEBOL — No domingo, 26 de Dezembro, os mais pequenos jogaram com a equipa do Paredes. Perderam 4-1.

Os maiores também jogaram com a mesma colectividade, e o nosso grupo venceu por 6-0.

O melhor jogador foi o nosso «Doutor» que marcou um golo excepcional. O guarda-redes do Paredes nem viu a bola passar debaixo das pernas...!

Filipe David

MALANJE

CONTENTOR — Finalmente, chegou! Uma palavra de apreço para todos os que, directa ou indirectamente, deram o seu contributo. O nosso muito obrigado.

FUTEBOL — Temos realizado jogos amigáveis. Podemos destacar o que tivemos com a velha guarda: resultado final, 2-1 a favor deles.

MOTOBOMBA — Chegou uma, nova. Maior e mais potente em relação à anterior. O que nos resta, agora, é termos cuidado para que não se repita a mesma crise...

AULAS — Começaram os exames finais, em nossa Casa. Da parte dos alunos é preciso mais aplicação... Depois veremos os que se aplicaram e os que não, durante o ano lectivo. Salientamos que, em Malanje, só a nossa Casa teve esse privilégio.

Luís Alferes

TOJAL

NATAL — Passou mais um e, como não podia deixar de ser, os nossos Amigos não ficaram indiferentes. Foram muitas as prendas, o carinho e as palavras de esperança.

ANO NOVO — Como é habitual, a maior parte dos nossos rapazes foram comemorar a passagem do ano com os seus familiares.

AULAS — O primeiro período já terminou. As notas não foram as melhores, mas, esperamos o que decorre, corra melhor. Que os nossos companheiros ponham a mão na consciência e pensem nos

RETALHOS DE VIDA

Ricardo



O meu nome completo: José Ricardo da Silva Teixeira.

Nasci em 8 de Maio de 1985, na freguesia de Palheiros — Mirandela.

Vivia naquela cidade. Mas, como minha mãe está separada do meu pai e nós somos cinco irmãos, ela tinha dificuldades em nos manter. Eu andava por lá... e não ia à Escola... Portava-me mal!

Ela escreveu ao nosso Padre Carlos para me receber, aqui, em Paço de Sousa. E estou bem disposto. Temos uma Aldeia muito linda! Recebemos muitos visitantes. Jogamos à bola. Somos uma grande Família!

Frequento, agora, o 6.º ano da Escola. E, quando for maiorzinho, gostaria de ser electricista.

Ricardo Teixeira

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Voz dos sem voz

SEMPRE fomos e continuaremos a ser a voz dos sem voz: Voz da criança da rua; voz do doente abandonado; voz dos carenciados à procura de habitação; voz de muitos outros irmãos que não têm voz.

Fomos chamados por família a viver, há muitos anos, em cave escura e húmida. Sem quaisquer janelas. O pai, doente do coração, com períodos em que não pode trabalhar; o filho mais velho já faleceu com a doença paterna; o outro, com dezoito anos, frequenta o 8.º ano, sofre da mesma doença e é bastante deficiente. A mãe marcada com alguma paralisia que lhe deixou a trombose que sofreu. Pagam, de renda, vinte contos. O pai, quando pode, trabalha nas obras.

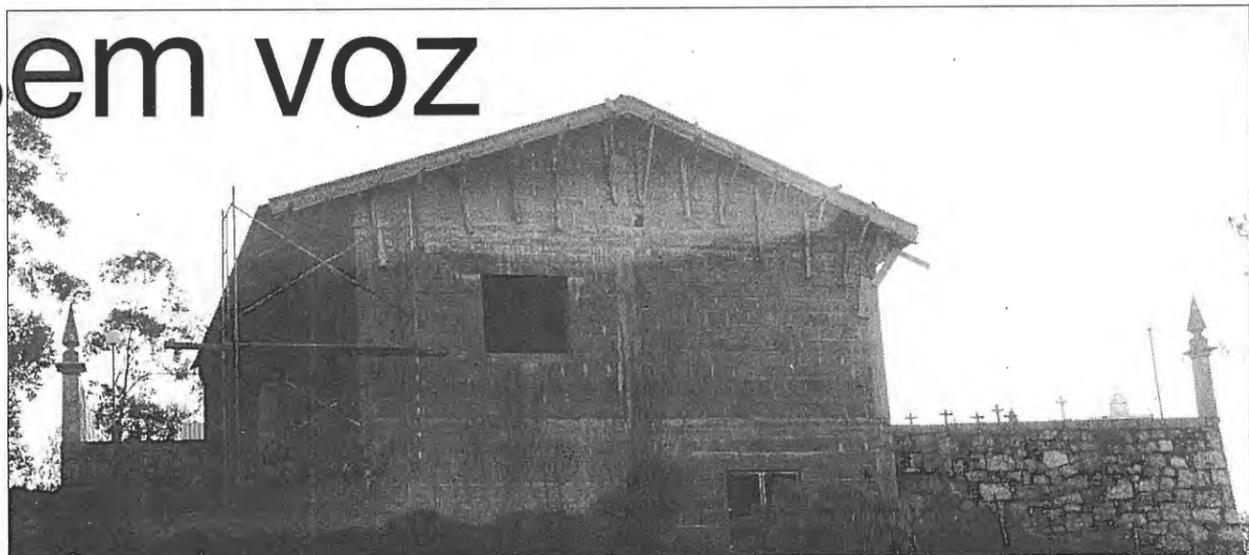
Compraram terreno contíguo ao cemitério da aldeia, sítio muito inclinado. Nivelaram o terreno e, de colaboração com o patrão-construtor, levantaram paredes, puseram o telhado e nunca mais ali fizeram nada. O patrão vai amortizando a despesa descontando-lhe no ordenado.

A mãe espera que dêem um arranjo à cave e mudarem para lá. «Viveremos mal, mas, ao menos, viveremos naquilo que é nosso e tanto nos tem custado. A

doença do meu homem e do meu querido filho levamos quase tudo para a farmácia. Ainda ontem trouxe, de lá, dez contos de remédios. Se nos dessem, ao menos, uma ajudinha, nós íamos logo para lá.»

Ela desabafou isto com muita dor de alma e atravessou-nos o coração.

PROMETEMOS-LHE ajuda, mas, ficamos inquietos com a situação daquela família a ter de viver na dita cave. Falámos com o casal, que concordou connosco, e fomos procurar o patrão-construtor. Homem acolhedor e, pareceu-nos, muito humano. Tomou logo a palavra e desabafou: «Ele é meu operário e é muito trabalhador. Há anos, comprou aquele terreno onde agora está em construção a casa. O terreno foi muito caro e não é próprio para habitação. É húmido e sombrio. A Câmara nunca devia ter dado licença para a construção. Eu nunca achei bem, mas, eles é que são os donos. Acho bem que não vão habitar a cave e concordo em preparar o primeiro andar para o irem habitar. Vou entregar aquele trabalho a um grupo dos meus homens e a um dos meus filhos. Aquilo é trabalho que se



O terreno da casa é contíguo ao cemitério da aldeia

faz depressa. Estejam descansados e eu vou falando convosco».

«DITO E FEITO» — dito do nosso povo. Logo que lhe foi possível o patrão-construtor destacou para a obra um grupo do seu pessoal. Chamou o electricista e o canalizador, cada um de uma mão, o indispensável foi feito, e a família, ameaçada de despejo, foi habitar o primeiro andar.

Foi um dia de festa, resultado de boas vontades. Uma prova a testemunhar ainda mais o dito do nosso povo. Diante das dificuldades que a vida, por vezes, nos apresenta, não podemos cruzar os braços. A voz dos sem voz tem de sentir e fazer sentir a força do coração que ama.

Padre Horácio

DOCTRINA

A plenitude da vida é o Amor



conhecia. Campos, ruas, muros, valados, águas, edifícios, paredes, mata, arvoredos, ramadas, pomares; o que os meus olhos viram não é de dizer aqui. Moraram ali os fidalgos da Casa Mourisca!

Que dizer da sorte dos pequeninos assistidos? Que segredos não terão eles hoje para contar? Se é tamanha a ruína dos campos, que fará a das almas? Arrefecem ali o amor. Da vida tirou-se a morte! Que pena! Sim; arrefeceu, mas não acaba. Deixa-me soprar as cinzas. Os negros do sertão, por não terem fósforos, costumam lançar fogo a árvores caídas que deixam ficar no caminho para uso de outros que passam. Estes sopram e o fogo arde.

Caridade não acaba. O Pobre que a gente visita dentro do seu tugúrio, aquele mesmo que só tem no mundo a água das fontes mai-los caminhos abertos, a esses tenho ouvido vezes infinitas, no limiar da porta, o «ai bom padre, que estava mesmo à sua espera!»; e, logo a seguir, afirmam: — A Caridade não acaba. Divina convicção!

MUITO antes dos Pobres, o apóstolo S. Paulo que também o era, fez igual afirmativa que, por ser verbo inspirado, é doutrina revelada. São notícias do Céu que não boatos dos homens. Os apóstolos não são boateiros; são testemunhas de vista e de ouvido — testes sumus.

QUANDO a Fé não for precisa e a Esperança não fizer falta, a Caridade fica. A nossa vida é consumada no amor... ou no ódio. Cautela! Não termina a Caridade, sim, mas pode arrefecer — e tem de facto arrefecido. Não há vida no Mundo. Os geólogos falam-nos de faunas e floras que morreram por falta de elementos de vida; o da nossa é o amor; faltando este, tudo é morte. Audácia, génio, fortuna, saber — nada presta sem amor. O esforço, o sacrifício, o desejo, toda e qualquer iniciativa pessoal — nada aproveita sem o amor. Riquezas do solo, potencial das nações, organismos sociais — nada valem sem o amor. Tudo esteriliza no Mundo o arrefecimento da Caridade.

AGORA que de novo me encontro na terra onde nasci, trago o coração magoado das coisas que por lá vejo. Ele é o comércio negro, ele é a ganância dos lavradores, ele é a paixão feroz de ganhar! Terra onde eu fui pequenino, como está hoje mudada! Também ali arrefeceu o amor.

RECEBEU-SE das mãos do Estado o chão da hoje Casa do Gaiato. Era ali uma Obra de assistência da Junta do Douro Litoral, feita de verbas e orçamentos como é teor daquelas Casas. Passei a imensa quinta, que antes não

NÓS estamos a erguer a Casa do Gaiato sobre rocha firme, sabendo que de nada nos aproveita a Obra se não amarmos cada um dos seus pequenos como os ama o próprio Deus. O amor é chama divina que Cristo Jesus trouxe à terra; fogo de luz e calor. O mundo não quer mais heróis de armas, mas sim de amor; heróis da Caridade. Só por ela nos salvamos. A plenitude da Vida é o Amor.

Luciano e o Fernando acabaram de chegar a Paço de Sousa, da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. O primeiro é de Coimbra, o segundo de Leiria. Fizeram a viagem de Coimbra ao Porto sozinhos. Estão postos no Mundo para grandes coisas. Eles, os habitantes das Casas do Gaiato, hão-de ser os reformadores da sociedade. Isso que para aí vegeta, está tudo podre!

NO fim do mês vamos tomar conta da cerca e fabricar a quinta por nossas mãos, para que seja verdadeiramente nosso o pão que havemos de comer. Dantes não. Os educandos eram estrangeiros. Mais prisão do que morada. Mais caserna do que lar. Nomes trocados por números. Em vez de pais, guardas. Aonde o amor, o temor. Por toda a parte, o terror do é proibido! Assim se regeneram os maus para ser boa a sociedade! O mundo recolhe os ombros e deixa correr o marfim!

D. Horácio

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

benefícios da Escola, na vida presente e futura.

FESTAS — As ideias e pesquisas para as próximas Festas, começaram a fazer-se ouvir. Aproveitamos deixar, aqui, o pedido de todo o material possível para os nossos teatros: fatos, cabeleiras, produtos de maquilhagem, etc.

VISITANTES — Na quadra natalícia, recebemos muitos visitantes: os escuteiros do Lumiar; de Forte da Casa, S. João da Talha; o grupo dos Rotários do Concelho de Loures, que trouxeram o Rancho Folclórico Verde Minho, proporcionando uma tarde de alegria e convívio. Para além das presenças atrás mencionadas, recebemos ainda outros Amigos. Um bom Ano para todos eles.

FUTEBOL — Chegaram equipamentos novos, oferecidos pela Toyota, que estão a ser utilizados. E precisamos de equipas para disputarmos bons jogos de futebol. Quem estiver interessado, comunique para: Nelson Filipe («Tolinhas»), Casa do Gaiato, Santo Antão do Tojal, 2670 Loures; ou pelo telefone 21 9749019.

Arnaldo Santos

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— A noite da consoada já passou. Graças a todos vós, conseguimos arranjar meios de levar consoadas e lembranças aos miúdos e aos velhinhos, apesar de apertados no que respeita a finanças...

Desejamos que tivessem um santo Natal e um Ano Novo com muitas graças para toda a Humanidade — um ano de Paz!

Apesar das dificuldades que temos, vamos continuar o nosso trabalho de ajuda aos que sofrem. A esperança é a última a morrer... Nós estamos com muita esperança e fé no futuro. O ano 2000 será óptimo, se Deus quiser.

RECEBEMOS — Maria de Jesus, do Porto, enviou a seguinte carta: «Ao aproximar-se a grande festa de amor e fraternidade, não podia esquecer os irmãos mais carenciados. Mando esta migalhinha para que se junte a muitas outras, para tornar o Natal dos nossos irmãos um pouco mais

acolhedor. É pouco, mas tenho que partilhar com outros que tiveram o mesmo infortúnio. Agradeço que me enviem recibo». Aqui está um problema para nós: não temos a importância anotada para se enviar o recibo! Houve um lapso nosso, e, por isso, pedimos desculpa. Aguardamos notícias desta senhora e agradecemos.

Da Alemanha, um lindo postal com palavras amigas e 200 marcos. Uma anónima com cinco mil escudos. Outra, com 4.000\$00. De J.R.D., mais uma migalhinha de 7.000\$00. Assinante 10770, 2.000\$00. Assinante 40795, 5.000\$00. Rosália, 8.000\$00. Júlia Antunes, 1.000\$00. Isaltina, da Póvoa de Varzim, 5.000\$00. Dolores, 2.000\$00 e uma carta amiga. Francelina, 10.000\$00. João Silva, com votos de santo Natal, 3.000\$00. Anónimo, 20.000\$00. Joaquim Martins, 7.000\$00. Assinante 47518, 5.000\$00. Um pedido de oração por alma de A. Simão Carvalho, 2.500\$00.

Que Deus lhes pague e nos traga um bom Ano.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Maria Germana e Augusto

SETÚBAL

Clamor insistente

AINDA há-de haver alguém que não feche o seu coração à voz do Senhor!

João Baptista pregou no deserto, mas mesmo lá, fez discípulos apaixonados. Alguns deles seguiram Jesus.

O meu clamor insistente de que preciso de uma Mãe para o Lar de Setúbal, já foi escutado por algumas senhoras, disse-me dão conta, mas não teve resposta! Sabendo que o Espírito de Deus é quem tudo realiza, continuo a instar, obedecendo às Suas orientações: «Pedi e receberéis. Procurai e achareis. Batei e abrir-se-vos-á».

Dois casos que se me apresentaram esta quinzena:

Uma senhora tinha idade, apetite, sentiu o chamamento, mas tinha um bom emprego. O emprego é a segurança económica. Só económica. Mais nada. Que ninguém nunca se estabilizou nesta vida. Nem os mais ricos nem os mais sábios nem os mais fortes. Podem durar mais uns dias e prolongar o seu sofrimento e a sua angústia de deixar esta vida nas desilusões

de quem a ela se agarra de forma vã.

Quando o Mestre passava pelas margens do mar da Galileia, encontrou dois homens — Pedro e Tiago — no seu barco, a consertar as redes do pai. Era um bom emprego, naquele tempo. Seduzidos por Aquele personagem não olharam para o emprego. Deixaram tudo e... seguiram-no.

Não sabiam, naturalmente, quase nada do que os esperava com esta decisão. Seguros n'Ele, avançaram sem grandes hesitações. A vida iluminada de forma crescente pela Sua companhia, Sua Palavra e Seu Espírito foi-lhes dizendo o que deviam fazer. Nos confrontos com a cultura dominante foram-se denominando como homens sem «oiro nem prata». Arrostaram perseguições e acabaram no martírio sem desânimos. Sempre seguros e esperançosos.

Não tenha pena do emprego, minha senhora, que isso é uma ilusão. Não lhe dá nenhuma segurança. Daqui a três ou quatro dezenas de anos verificará o embuste em que caiu.

Venha encher o seu coração do Amor de Deus! A Deus nunca ninguém jamais O viu. Mas Ele está vivo em cada um dos nossos rapazes. Venha ser Mãe deles!

Outro, foi o de um jovem que deixou o seu curso universitário quase concluído e segue o ideal de Francisco de Assis. O *Poverello* de todos os Pobres. O que se casou com a Pobreza e fez dela a sua dama preferida.

Agora, dizia-me desencantado: «Parece que me querem pôr a dirigir um colégio de ricos».

As Ordens têm as suas estruturas. É preciso mantê-las. A gente entende!... Pode manter a mística do grande Homem do Evangelho da Idade Média, mas não vive nem experimenta a sua realidade. Os deserdados!... É preciso ter a coragem, a confiança e a *cegueira* para intuir os desígnios de Jesus que se manifestam claros nesta Obra da Rua!

Estou à tua porta e bato!

Padre Acílio



O cruzeiro da Casa do Gaiato de Malanje

Malanje

Continuação da página 1

14/12/99

O meu presente de Natal

CALOR sufocante nesta Luanda! Alguns sinais de Natal, muito tímidos e que não lembram o Menino Jesus.

A Natureza, essa, sim: explodiam as acácias rubras! Como que o céu despejou sobre elas uma profusão de cachos vermelhos! Deslumbrantes e belas!

Se à beira da gruta de Belém tivesse florido uma, seria nela que, sentado em sua copa, o Menino receberia os Reis Magos com seus presentes!

Porém, as pessoas perderam a capacidade de ver e sentir esta beleza — mergulhadas como estão em suas dificuldades, preocupações, lixeiras de cheiros dos esgo-

tos. Apesar de tudo, continua a oferta gratuita do seu resplendor!

O meu presente de Natal! Levarei um cacho para colocar no presépio da nossa Casa de Malanje.

24/12/99

Núvens densas

Mais um Natal no planalto desolado e [triste... Sem certezas e sem carreiros abertos no capim. Se, ao menos, uma cotovia lá no céu... Mas, somente, núvens densas e os corações escuros como bréu.

Apesar de tudo, menos fome e a guerra mais longe. Os contentores chegaram bem e o leite vai dar um bom jeito.

Padre Telmo

Continuação da página 1

vida do campo e outras actividades. Não preciso. Ela precisa. Está em necessidade extrema. Não vejo outra saída consequente que não seja recebê-la. Assim aconteceu.

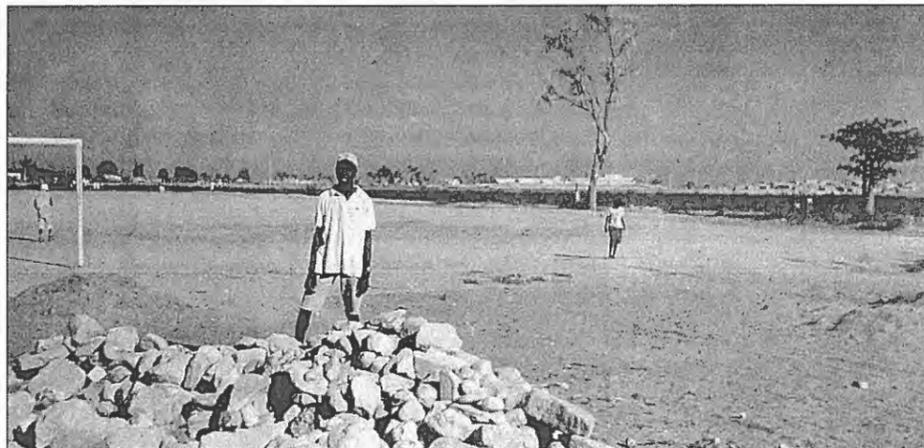
Dou comigo a pensar, às vezes, na forma como está a ser gerida a nossa «empresa». Se vou pelo caminho dos resultados económico-financeiros, a gestão é um verdadeiro desastre. Há

Benguela

muito tempo que seríamos uns «falidos». A maior parte dos investimentos que temos feito foram encaminhados para as pessoas. E continua a ser. E serão. Os resultados que buscamos são diferentes. O capital que depositais em nossas mãos está a render. É vida semeada em abundância,

com muito amor, e com resultado certo. Se pudésseis ver a alegria daquela mulher, quando lhe anunciei a entrada ao serviço em nossa Casa, acreditaríeis na força do vosso dinheiro quando está ao serviço das pessoas.

O Evangelho é salvação para todos: ricos e pobres.



O nosso Padre Manuel informou, de Benguela, que iria começar a construção da piscina (já estão pedras, no chão...) junto ao campo de futebol.

Os ricos sejam pobres de coração. Os pobres sejam pobres de coração. É no encontro desta pobreza que os homens se encontram e são felizes. «Bem aventurados...» Esta doutrina está muito longe duma suposta caridade que encobre injustiças cometidas e que permanecem. Trata, sim, dum compromisso activo e operante, fruto do amor cristão aos outros homens, considerados como irmãos. É no coração que o nívelamento social se faz; no coração pobre e justo, qualidades que se tocam.

A Escola continua a ser objecto de grande atenção. O ano lectivo terminou. Os resultados não conhecidos no seu todo. Uma coisa é certa: mais cuidado para ajudar a ver a importância da Escola junto dos alunos. Quero agradecer aos professores a sua dedicação no meio das grandes dificuldades sociais em que vivem. Olhamos para o ano 2000 como um dom de Deus.

Padre Manuel António

PASSO A PASSO

Quietude e paz

«**S**ENHOR Padre, gostava muito de ir ver a casa onde estive antes de vir para cá!», confidenciou-me o Ricardo. Certamente, alguma sensação agradável vinda à memória, lhe alegrava a alma — pensei. Quando entrou no escritório, onde me encontrava, um largo sorriso se desenhara na sua face. Depois, veio a palavra traduzir-me aquele sorriso rasgado.

Estávamos num dos últimos dias do ano. Muitos dos outros rapazes se preparavam para ir passar dois ou três dias fora. Eles chamam-lhe — «passar férias». Muitos nem têm consciência do que é a mudança de ano. Embora sujeitos ao factor tempo, a idade juvenil ainda não lhes permite perceber isso. Talvez a idade da infância seja aquela em que o ser humano vive mais a dimensão da Eternidade. Quando adulto, anda em busca de enquadrar a sua vida nessa linha que não acaba.

Foi talvez um sentimento de quietude e de paz que levou o Ricardo a desejar recuar no tempo, voltando a lugares da sua vida passada. Quando algum acontecimento agita e desorienta o sentido da vida, todo o ser humano necessita de se reencontrar nessa paz e quietude que faz estabilizar a agulha da bússola da vida.

Fico a pensar n'Aquele menino que num acontecimento importante da Sua vida, ficou para trás a tratar das coisas de Seu Pai. E, depois, já crescido, não se continha em falar do Pai e do Seu Reino. Que grande desejo do reencontro O havia de consumir?! Era de tal ordem que não recuou um passo e entregou o Seu corpo aos verdugos para que rapidamente se abrisse a porta da Casa do Pai.

Esta é a Porta da Paz. A alegria de viver que ela realiza no coração do homem, é ainda algo de fugidivo que se nos escapa. Tal como a inocência madura que se procura, também ela foge ao mais pequeno sentimento de desarmonia interior resultante dos acontecimentos da vida.

Maria é a Rainha da Paz. Não porque soubesse muito de sociologia ou porque fosse diplomada em relações humanas. Simplesmente, bebeu até se deixar inundar pela única fonte de paz: O Espírito de Deus.

Fico a pensar que não é aqui nem em Jerusalém nem em qualquer outro lugar que a Paz está. Está onde está Deus. E o santuário onde Ele habita, onde podemos chegar, não foi feito por mãos de homem, mas por Ele mesmo — a criatura semelhante a Ele.

Padre Júlio